

Por Marx

LOUIS ALTHUSSER

Campinas: Editora Unicamp, 2015. 216p.

*Luiz Eduardo Motta**

O ano de 2015 marcou o cinquentenário do livro *Pour Marx* de Louis Althusser e, finalmente, os países de língua portuguesa têm presente uma tradução da qualidade que essa obra merece. Ao lançar na França esse livro, certamente Althusser não esperava que num curto espaço de tempo a sua inovadora leitura da obra de Marx teria uma enorme repercussão mundial, ultrapassando as fronteiras francesas. Por sinal, esse é um mérito da antiga editora Zahar: publicar, já no ano de 1967, o livro *Pour Marx*; nessa ocasião, com o singular título *Análise crítica da teoria marxista* (na segunda edição recebeu o título *A favor de Marx*, mais conhecido pelo público). O impacto de suas teses sobre a ruptura epistemológica na obra de Marx, além de seus conceitos como “todo complexo estruturado com dominante”, “autonomia relativa entre as instâncias e as práticas”, e da sua crítica ao humanismo teórico (que andava em voga naquele contexto), foi muito grande. E suas teses foram amplamente debatidas em diversas formações sociais; particularmente no Brasil. Nesse aspecto, as teses de Althusser tiveram como veículo de divulgação as revistas *Tempo Brasileiro* e a *Vozes*.

Se, por um lado, a inovadora leitura de Althusser sobre Marx e o marxismo teve uma boa recepção por parte da juventude e de intelectuais emergentes (no

* Professor associado de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: luizp-motta63@gmail.com

Brasil destacavam-se Carlos Henrique Escobar, Eginardo Pires, João Quartim de Moraes e Luís Pereira), de outro, a oposição às suas posições teóricas e políticas foi grande (no Brasil demarcaram essa posição José Arthur Giannotti, Carlos Nelson Coutinho e Fernando Henrique Cardoso). Por vezes, essa oposição beirava o caricatural e o desrespeitoso diante de um intelectual que, no mínimo, mereceria respeito pela contribuição que a sua obra deu não somente ao pensamento marxista, mas também ao pensamento moderno e contemporâneo. A polêmica em torno de *Por Marx* fica nítida na enxurrada de textos de teor crítico à obra de Althusser (e de alguns de seus seguidores, especialmente Étienne Balibar) nos anos 1970 no Brasil e em muitos outros países.

Conforme avançava essa onda crítica às teses de Althusser, cada vez menos seguidores ou intelectuais se reconheciam em suas posições, mesmo com as retificações empreendidas por Althusser nos anos 1970 em alguns aspectos pontuais da sua obra. E o aspecto caricatural e desrespeitoso cada vez mais prevalecia nessas “críticas”, sendo paradigmático o livro de Thompson, *A miséria da teoria*, que, ironicamente foi lançado pela própria Zahar.

Com o avançar dos anos, Althusser permanecia mais presente em notas de pé de página e em breves comentários (geralmente críticos), em artigos, teses e dissertações como algo que deveria ser banido, ou rejeitado, pela comunidade marxista. Um autor “marxista” antitético ao marxismo, como viam os seus “críticos”. Um autor “datado” e merecedor do esquecimento intelectual. E os rótulos eram diversos: positivista, teorista, estruturalista, e mesmo stalinista. O conjunto dos críticos era diverso: uspianos, isebianos, humanistas, reformistas, ontologistas, trotskistas etc. E esse estigma permaneceu por um bom tempo, já que era “proibido” falar positivamente da obra de Althusser.

Contudo, na virada dos anos 1980 para 1990, o cenário começou aos poucos a se modificar. Um dos pontos de partida dessa reação foi o grupo francês *Multitudes*, liderado por Antonio Negri, ao publicar uma coletânea sobre o pensamento de Althusser. Em seguida, houve a publicação de vários textos inéditos de Althusser praticamente desconhecidos pelo seu público e também pelos seus críticos. Em terceiro, a retomada de Althusser se deu com a formação de vários grupos de estudo sobre a sua obra – no Brasil esse papel coube notadamente ao Cemarx nos anos 1990 e teve como veículo de divulgação a revista *Crítica Marxista* e outras publicações, a exemplo da revista *Outubro*. O fato é que no início desta década foram publicados vários livros sobre Althusser em diversos países, incluindo o Brasil, sem falar em diversas pesquisas nas áreas da sociologia, ciência política, linguística, filosofia, direito, educação, relações internacionais, baseadas em Althusser e em autores de sua escola (particularmente Poulantzas, Pêcheux, Badiou e Rancière). O relançamento de *Pour Marx* em 2015 só veio a culminar essa onda, e agora com uma precisa tradução.

Sobre esse livro, trata-se de uma coletânea de artigos publicados entre 1960 e 1965, além de contar com o belo e sintético prefácio “Hoje”, e um posfácio escrito em 1967 publicado em várias edições estrangeiras. O livro conta com três

artigos curtos, “Os ‘Manifestos Filosóficos’ de Feurbach”, “O ‘Piccolo’, Bertolazzi e Brecht” e “Os ‘Manuscritos de 1844’ de Karl Marx”. Os outros quatro textos compõem a espinha dorsal do livro: “Sobre o Jovem Marx”, “Contradição e Sobredeterminação”, “Sobre a Dialética Materialista” e “Marxismo e Humanismo”.

O conjunto desses textos oferece ao leitor o contato com os principais conceitos elaborados por Althusser; um dos principais deles é o de “corte epistemológico”. Para Althusser haveria uma ruptura entre os escritos do Jovem Marx, ainda herdeiros do neo-hegelianismo de esquerda e prisioneiro de uma problemática filosófica (pergunta: o que é o homem?), e a obra de Marx maduro, na qual se constitui uma problemática científica (o que é o capitalismo?), cujos desenvolvimentos constituem os alicerces conceituais da formação de sua ciência da história (ou materialismo histórico).

Em seguida, Althusser apresenta a sua tese (baseada em Mao Tsé-tung e Freud) sobre a pluralidade de contradições e de determinações – e de suas interdependências sem uma origem essencialista – nas distintas formações sociais. Essa tese será mais desenvolvida no artigo “Dialética Materialista”, no qual tratará também da autonomia relativa das diferentes instâncias e das práticas constituídas nos diversos modos de produção numa formação social.

Por fim, temos a sua polêmica contra a noção de humanismo teórico, noção muito presente no marxismo e fruto da influência de Sartre, Lukács, Fromm e Marcuse. O humanismo teórico consiste, fundamentalmente, na dedução da estrutura social ou do programa político revolucionário de suposta essência geral do ser humano que, na versão crítica desse humanismo, estaria alienada. Contra esse humanismo teórico, Althusser propõe o primado da luta de classes como o conceito central para o entendimento do processo histórico. Para Althusser, os efeitos políticos do humanismo teórico são reformistas, isto porque substitui, na crítica ao capitalismo e na luta pelo socialismo, o apelo político à classe operária pelo apelo moral ao ser humano. Ademais, no artigo “Marxismo e humanismo”, Althusser começa a desenvolver o seu conceito de ideologia como uma prática material social a-histórica e inconsciente. Isso ia de encontro com a afirmativa de que no comunismo a ideologia, como falsa consciência alienada, pereceria. Para nosso autor, a estrutura ideológica nas suas diferentes ideologias particulares – e de suas práticas reprodutoras e transformadoras – permanece presente numa sociedade pós-capitalista, tal qual a política. O comunismo, para Althusser, permanece numa base real, e não num mundo imaginário, num estado de Nirvana desprovido de contradições e antagonismos, a despeito destes não serem mais provenientes da luta de classes. Posteriormente Althusser retomará essas suas análises sobre o conceito de ideologia e as desenvolverá no seu manuscrito *Sobre a reprodução*, do qual será extraído o seu famoso artigo “Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado”.

Essa nova edição de *Pour Marx*, agora traduzido como *Por Marx* (tal qual a edição cubana), conta com o prefácio de Armando Boito Jr., um dos principais difusores do pensamento althusseriano no Brasil.